

# 06

Janeiro – Março

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

***Culturgest***

**2006**  
***Janeiro***  
***Março***

Angela de la Cruz nasceu em Espanha em 1965 e vive e trabalha em Londres. A Culturgest vai apresentar a primeira exposição antológica desta artista alguma vez organizada. Através de uma selecção de mais de trinta obras, desvenda-se um trabalho que numa linguagem inovadora e vigorosa questiona as convenções da pintura. As suas peças estabelecem uma relação entre a pintura e a escultura, mantendo-se irredutíveis a qualquer dessas disciplinas. Grande parte delas incorporam uma pintura monocromática que é submetida a um processo de aparente destruição ou degradação em que as telas são rasgadas, amarrotadas, dobradas, por vezes retiradas da grade, outras vezes colocadas no chão, combinadas ou não com outros objectos; noutras ainda as grades são partidas. Nas palavras da autora, “o trabalho pisa uma linha muito fina entre ser obra e ser lixo”. Os procedimentos descritos concorrem para um efeito de antropomorfismo, sublinhado em certas obras pelos títulos que lhes conferem experiências e sentimentos humanos.

Angela de la Cruz tem vindo a ganhar nos últimos anos crescente relevo na cena artística internacional. É representada em Londres pela Lisson Gallery, uma das galerias mais importantes e prestigiadas do mundo, participou recentemente em exposições como “Manifesta” em San Sebastian (2004) ou “Extreme Abstraction” no Albright-Knox Museum em Buffalo (2005).

Esta exposição antológica é, cremos, uma excelente abertura do nosso programa de exposições para este ano. O Serviço Educativo construiu, em torno dela, um conjunto de acções dirigidas seja para o público escolar, de todos os graus de ensino, seja para adultos, com visitas guiadas pela artista ou pelo comissário da exposição, para além de visitas regulares aos domingos à tarde destinadas a todo o público. Escolha esses dias para ver a exposição. Terá certamente uma experiência muito enriquecedora.

No domínio da dança, do teatro, das músicas, as nossas propostas para este trimestre são várias, no duplo sentido de numerosas e variadas. Se as escolhemos e as propomos ao público é porque entendemos que são espectáculos que merecem ser vistos, pelo prazer que proporcionam, pelo que podem acrescentar à forma como vemos a vida, como reparamos no mundo, como nos apercebemos da realidade, como olhamos para a expressão criadora dos homens. Alguns dos espectáculos são novas criações. Não os vimos antes. Comportam sempre um risco acrescido, mas que vale a pena correr quando sabemos que à partida estão reunidas condições que permitem antever que é justo que o resultado seja apreciado.

Prosseguimos com o nosso programa de conferências. Este ano, serão quatro por mês, e todos os meses mudamos de tema e de conferencista. Jorge Lima Barreto, Augusto M. Seabra e Ezequiel Santos são quem, neste primeiro trimestre, nos virá falar de música, cinema e dança. A entrada é gratuita. Às quartas-feiras, ao fim da tarde, passe por cá. Vai ver que não se arrepende.

**Programação**

## CONFERÊNCIAS ÀS 4<sup>AS</sup> FEIRAS DE 4 A 25 DE JANEIRO

18h30 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

# Música & Mass Media

Quatro conferências para a Culturgest  
Por Jorge Lima Barreto



© Iana Reis

Os meios de divulgação (*mass media*) da música alteraram substancialmente esta arte. A Imprensa promoveu a escrita e a análise musicais. A Rádio conduziu à dispersão de conteúdos estéticos. O Disco ficou como registo e canal de comunicação. O Cinema estabeleceu a funcionalização total da música. O Vídeo introduziu a velocidade e uma gramática própria. O Computador estabeleceu a informação e o arquivo. A combinação destes meios levou ao espectáculo multimedia e à interacção artística.

Na abordagem destes temas, dá-se prevalência ao papel destes *media* como instrumentos musicais. Em cada conferência haverá exemplos de tipologias musicais variadas – notacional, discográfica, radiofónica, cinematográfica e multimedia com recurso a audição de CD's e a projecção de DVD's. Em cada sessão se disponibiliza ao público bibliografia, discografia, videografia, filmografia e documentação multimedia.

Jorge Lima Barreto é licenciado em História e Filosofia, foi docente universitário e editou a tese *Música & mass media* em 2000.

Compositor, intérprete, musicólogo, fundou a Anar Band e, com Vítor Rua, o duo

Telectu. Participou em numerosos concertos ao vivo, sobretudo nas áreas do jazz, da música improvisada e experimental, com reputados músicos nacionais e estrangeiros e em países em todos os continentes. Uma extensa discografia regista parte do seu trabalho.

Desenvolve ainda uma grande actividade ensaística, tendo publicado numerosos livros, ensaios e textos vários, teóricos ou de divulgação, debruçando-se em especial sobre a música de hoje.

The promotion of music through the mass media has critically altered this art form. The Press has advanced both the analysis of music and the work of music critics. Radio has led to the scattering of aesthetic contents. The Disc is viewed as a record (register) and communication channel. Film has established the complete functionalization of music. Video has introduced speed and a specific, independent grammar. The Computer has instated information and archive. In each session the audience will be furnished a comprehensive bibliography, discography, videography, filmography and multimedia information.

### 4 de Janeiro – Disco

Como o disco conserva e reproduz; registo e edição. O disco-objecto, o disco como instrumento musical. Alguns discursos discográfico-musicais (ex: o *hip-hop*)

### 11 de Janeiro – Rádio

A Rádio, com um forte pendor ideológico, fez surgir uma verdadeira estética radiofónica. Nalguns casos o próprio aparelho de rádio foi assumido como instrumento (ex: *kurtzwellen* de K. Stockhausen)

### 18 de Janeiro – Cinema e Vídeo

Do cinema mudo, acompanhado por música, ao filme sonoro, desenvolveu-se uma estética metamusical sonoplástica de grande funcionalização (ex: Miles Davis para *Fim-de-semana no ascensor*). A TV e o vídeo, como o cinema, incorporaram a música como um seu elemento artístico, surgindo várias expressões da *video music*.

### 25 de Janeiro – Multimedia

As Músicas automáticas, a Música electroacústica, a programação e a composição de Música assistida por computador. A Música e a poliarte (escultura sonora, instalação). A Música e a comunicação à distância (ex. *Perfect Lives* de Bob Ashley)

## DANÇA 6 E 7 DE JANEIRO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h00 · 18 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Coreografia** Gilles Jobin **Intérpretes** Jean-Pierre Bonomo, Niki Good, Marie-Caroline Hominal, Gilles Jobin, Susana Panadês Diaz, Rudi Van Der Merwe **Música** Cristian Vogel **Máquina de música** Angus Cristian Vogel (concepção), Simon Jobin (realização) **Cenografia** Sylvie Kleiber **Assistente de Cenografia** Victor Roy **Figurinos** Karine Vintache **Assistente de figurinos** Julie Delieutraz **Desenho de luz** Frédéric Richard **Director técnico** Yann Marussich **Régie de som** Clive Jenkins **Produção** Gilles Jobin/Parano Fondation **Administração e direcção de produção** Maria-Carmela Mini **Co-produção** Théâtre de la Ville, Spielzeiteuropa | Berliner Festspiele, Teatro Comunale Di Ferrara, Théâtre Arsenic, Danse à Aix e Tanzquartier Wien **Apoios** Canton de Vaud, Cidade de Lausanne, Département de l'Instruction Publique de L'État de Genève, Cidade de Genève, Pro Helvetia Fondation Suisse pour la Culture, Loterie Romande, Sophie e Karl Binding Stiftung  
Gilles Jobin é artista associado da Bonlieu Scène National, Annecy e da Artsadmin, Londres, e beneficiário do "Contrat de Confiance" do Canton de Vaud (2001-2006)  
Criação 2005 de Gilles Jobin, *Steak House* foi estreada em Março no Teatro Arsenic, em Lausanne

# Steak House



© Marco Caselli

Um espaço concreto como ponto de partida. Paredes e móveis, cobertores, objectos do quotidiano. Um espaço de vida e de proximidade.

Um espaço confinado produtor de imagens. O contexto, a situação vital e a proximidade dos corpos entre si levam estes seres a coexistir e a interagir com o seu ambiente. Praticam acções absurdas e parecem fazê-lo de propósito.

Não há caos, antes desordem. Desordem e proximidade. O que se passa neste enclave não obedece a regras comuns de comportamento. Acções anormais são tratadas normalmente. O espectador é simultaneamente atraído e mantido à distância. Como num desenho animado, a actividade das personagens torna-se surreal e desenvolve-se numa lógica de construção onírica.

**Gilles Jobin** tornou-se internacionalmente conhecido logo com a sua primeira coreografia para três intérpretes, *A+B=X*, criada em fins de 1997 no Teatro Arsenic de Lausanne. *A+B=X* foi apresentado em festivais de renome de todo o mundo.

A partir de 1998, ano em que estreou no Place Theatre, em Londres, o dueto *Macrocosm*, com a bailarina Nuria de Ulibarri, Gilles Jobin tem seguido uma linha de rumo que não se deixa condicionar por ditames artísticos estabelecidos. As suas peças coreográficas integram as artes visuais, a *live art* e a *performance*. As suas escolhas artísticas radicais e o reconhecimento internacional que granjeou fizeram dele o percurso de uma nova geração de coreógrafos.

Entre as suas criações, incluem-se *Braindance* (1999), *Moebius Strip* (2001), e *Under Construction* (2002). Em 2003 criou *TWO – THOUSAND – AND – THREE* para o Ballet du Grand Théâtre de Genève e em 2004 *Delicado* para o Ballet Gulbenkian.

Recebeu o Prémio ZBK da Zürcher Theater Spektakel, o Prix de la Fondation

Vaudoise, o Prémio "Nouveau Talent Chorégraphique" da SACD (Sociedade dos Autores e Compositores Dramáticos Paris/Bruxelas/Montréal) e o Prémio Culture Leenards 2004.

*A concrete space as point of departure. Walls and furniture, blankets, everyday objects. A space for life and closeness. A confined space that produces images. The context, vital situation and closeness between the bodies lead these beings to coexist and interact with their environment. They perform absurd actions and seem to do it on purpose.*

*There is no chaos, rather disorder. Disorder and proximity. What goes on in this enclave does not abide by the common rules of behaviour. Abnormal actions are treated normally. The audience member is at a time drawn in and kept at bay. Like a cartoon, the characters' activity becomes surreal and unravels according to the logic of a dream-like construction.*

**Gilles Jobin** won immediate international recognition with *A+B=X*, his first choreography for three performers, created in the end of 1997 at Lausanne's Arsenic Theatre. *A+B=X* was presented in prestigious festivals worldwide.

He received the ZBK Award from the Zürcher Theater Spektakel, the Prix de la Fondation Vaudoise, the "Nouveau Talent Chorégraphique" Award from SACD (Society of Dramatic Authors and Composers Paris/Brussels/Montreal) and the Culture Leenards Prize 2004.

## MÚSICA 13 DE JANEIRO

21h30 · Grande Auditório · Dur. 1h15 (sem intervalo) · 15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Voz e guitarra Waldemar Bastos **Guitarra** Mandjeku Lengo, Bibi Hammond **Percussão** José Araujo  
**Bateria** Elias Kakomanolis **Técnico de som** Jorge Pino

# Waldemar Bastos apresenta o seu novo álbum *Renascence*



© Leendert Mulder / World Connection

Waldemar Bastos nasceu na fronteira de Angola com o Congo em 1954. Começou a cantar e a compor desde muito cedo. Em 1982, no decurso de uma visita a Portugal, tomou a difícil decisão de não regressar ao seu país, então atravessando uma longa guerra civil. Viveu na Alemanha, França e Brasil, onde gravou o seu primeiro álbum, *Estamos Juntos*. Em 1985 fixou-se em Lisboa, e em 1990 gravou *Angola Minha Namorada*. Um novo CD, *Pitanga Madura*, editado em 1992, foi descoberto numa discoteca lisboeta por David Byrne. Entusiasmado com o que ouviu, contratou Waldemar Bastos para a sua editora, a Luaka Bop. Aí gravou *Pretaluz*, produzido por Arto Lindsay. O disco firmou o seu autor na cena internacional da *world music*, abrindo-lhe as portas para se apresentar na América, na Europa e no Extremo Oriente.

Em Abril de 2003 regressou a Angola pela primeira vez em muitos anos, em celebração do fim da guerra civil. Esse regresso, o facto de entretanto ter completado 50 anos (“Meio século obriga-nos a parar e a olhar para trás na nossa vida. Mas também temos sonhos para realizar”), a reflexão que fez sobre a sua música, levaram-no à gravação de um novo disco, *Renascence*, na editora holandesa World Connection.

O concerto desta noite baseia-se nesse trabalho, que não só resume a trajetória da sua vida, como imprime uma nova maturidade e profundidade à sua música. Os seus poemas revelam os seus sonhos de harmonia e fraternidade. A sua música define-a não como africana nem europeia, mas ambas “ao mesmo tempo e muito mais”. “Eu derramei a minha alma neste disco”.

Waldemar Bastos was born in the border region between Angola and Congo, in 1954. He began singing and composing very early in life. In 1982, during a visit to Portugal, he made the difficult decision of not returning to his native country, then enduring a long civil war. He lived in Germany, France and Brazil, where he recorded his first album *Estamos Juntos*. In 1985, he moved to Lisbon and in 1990 he recorded *Angola Minha Namorada*. Through a new album, *Pitanga Madura*, released in 1992, he was discovered in a Lisbon record store by David Byrne. Excited by what he had heard, he signed Waldemar Bastos for his record company, Luaka Bop. There, Bastos recorded *Pretaluz*, produced by Arto Lindsay. The record brought Waldemar Bastos to the forefront of the international world music scene, paving the way for presentations in America, Europe and the Far East.

In April 2003 he returned to Angola for the first time in many years, in celebration of the end of the civil war. This return, the fact that he had turned 50 in the meantime (“Half a century makes us stop and look back on our lives. But we still also have dreams to fulfil”), the reflection he undertook regarding his music, all of this lead him to record a new album, *Renascence*, with the Dutch record label World Connection.

Tonight's concert is based on this work, which not only sums up the course of his life but also conveys a fresh maturity and depth to his music. His poems reveal his dreams of harmony and fraternity. He defines his music as neither African nor European but both “at the same time and much more”. “I have poured my soul into this record”.

WORLD  
CONNECTION

## MÚSICA 14 DE JANEIRO

21h30 · Grande Auditório · Dur. 1h30 (com intervalo) · 10 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Direcção musical Kasper de Roo **Violino** Angel Gimeno

### CICLO PORTUGAL HOLANDA

## ¿Escola Holandesa?

Vasco Mendonça

*How now, brown clown?*

Louis Andriessen

*Zilver*

Nuno Côrte-Real

*Concerto para Violino*

Klaas de Vries

*Bewegingen*

Michel van der Aa

*Attach*

# Remix Ensemble



Ao longo de vários séculos a produção musical gerou-se em torno de escolas de composição que deram origem a estilos muito particulares e que permitem identificar as obras musicais de acordo com diferentes localizações geográficas e grupos geracionais.

O programa deste concerto parte de uma interrogação sobre a existência de uma Escola Holandesa, sobre o estilo composicional de figuras dominantes da música Holandesa no último quartel do século XX, Louis Andriessen e Klaas de Vries, e a extensão da sua influência na obra dos seus alunos. Entre estes, encontram-se os compositores portugueses Vasco Mendonça e Nuno Côrte-Real, bem como uma das mais recentes revelações no panorama da música holandesa, o jovem compositor Michel van der Aa.

Kasper de Roo estudou direcção de orquestra e fagote no Conservatório Real de Haia e no Conservatório Sweelink de Amsterdão. Em 1980 venceu o Concurso Internacional para Jovens Maestros de Besançon, França. Foi maestro convidado da Nederlandse Opera de Amsterdão, da Ópera Nacional da Bélgica, da Deutsche Opera de Berlim, dirigiu concertos e gravações com grandes orquestras europeias e participa regularmente nos mais importantes festivais como maestro de música contemporânea.

Angel Gimeno, nascido na Venezuela, diplomou-se em violino pelo Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, prosseguindo os seus estudos no Conservatório Tchaikovski de Moscovo. Além do seu trabalho com o Remix Ensemble, está à frente do

Nieuw Ensemble de Amsterdão, tendo tido a oportunidade de estudar directamente com Berio, Nunes, Boulez, Fernyehough, Harvey, Donatoni ou Luis de Pablo.

O **Remix Ensemble** é uma estrutura essencial da Casa da Música que acaba de completar cinco anos. Apresentou em estreia absoluta 28 novas obras de 23 compositores. Desde o seu início, sob a direcção de Stefan Asbury, o eclectismo do seu repertório revela-se em incursões pela música cénica, acompanhamento de filmes, dança e jazz a par da promoção de numerosos *workshops* com grandes compositores nacionais e estrangeiros. Para além dos concertos que deu no nosso país, apresentou-se em Espanha, Holanda, Reino Unido e França. Em Janeiro deste ano esteve em residência no IRCAM, em Paris, a qual culminou com uma apresentação pública em concerto.

For many centuries music production has developed around schools of composition, which in turn have originated very specific styles that enable music works to be identified according to different geographic situations and generational groups.

This concert's programme emanates from a questioning on the existence of a Dutch School, on the compositional style of leading figures in Dutch music in the last quarter of the 20<sup>th</sup> century - Louis Andriessen and Klaas de Vries – and the extent of their influence in their students' work. Among others, these included Portuguese composers Vasco Mendonça and Nuno Côrte-Real, as well as one of the most recent revelations in Dutch music, young composer Michel van der Aa.



Casa da Música



## TEATRO 26, 27, 28 E 29 DE JANEIRO

21h30 (dias 26, 27 e 28) · 17h00 (dia 29) · Grande Auditório · Duração 1h30 (aprox.)

15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 euros. Preço único)

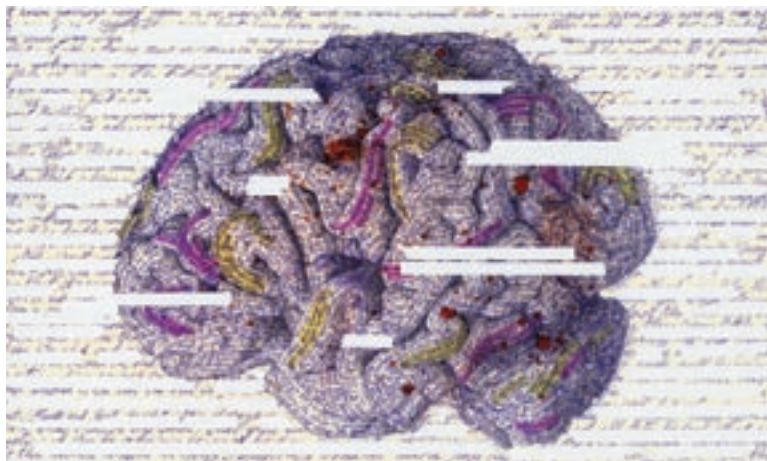
**Título original** *A Clockwork Orange* - *A play with music* **Autor** Anthony Burgess (a partir da seu romance com o mesmo nome) **Tradução** José Lima (a partir da edição da Methuen Publishing Limited de 1998) **Encenação** Manuel Wiborg **Música e Indicações Musicais Originais** Anthony Burgess **Adaptação, Arranjos e Orientação Musical** José Eduardo Rocha **Cenografia, Figurinos, Grafismo** Luís Mouro **Desenho de Luz** Pedro Marques **Fotografia** Álvaro Rosendo **Elenco** Ana Videira, Carlos António, Cláudio da Silva, Hugo Amaro, Hugo Carocha, João Didelet, Isabel Ribas, Luís Pacheco, Manuel Wiborg, Rui Raposo **Músicos** Vasco Lourenço e Nuno Morão (do Ensemble JER) **Direcção de Produção** Manuel Wiborg **Assistentes de Produção / Promoção** Patrícia Farinha Mendes, Rafaela Gonçalves **Assistentes de Encenação** Cláudio da Silva, Hugo Amaro, Hugo Carocha **Uma co-produção** Actores Produtores Associados / Culturgest Companhia subsidiada por MC / IA

Conversas com o público após o espectáculo nos dias 27 e 28 (sala 2)

# Uma Laranja Mecânica

## Uma peça com música

De Anthony Burgess. Um espectáculo da APA



© Luís Mouro

A ideia de “livre-arbítrio versus predestinação”, enquanto única forma de atingir a “humanidade” do ser humano, é para mim a questão central da peça. O protagonista escolhe o mal como acto deliberado de liberdade espiritual num mundo de conformismo radical, assumindo desta forma que o bem está potencialmente mais presente num homem que escolhe deliberadamente o mal do que num homem que é forçado a ser bom. Os homens são o que são e não podem ser forçados a ser qualquer coisa por meio de pressões ou condicionamentos sociais. A maturidade humana é-nos apresentada como capacidade de mudar por si próprio, de aceitar a mudança e de repudiar o passado. É uma visão perturbadora sobre o controlo estatal que aniquila qualquer possibilidade de redenção escolhida livremente. Reflecte numa forma inteligente a relação entre o cidadão e o Estado e obriga-nos a reflectir e a pensar.

MANUEL WIBORG

(...) Deixo entrever aqui algum desânimo a respeito da adaptação visual do meu livro, e o leitor tem agora o direito de perguntar porque empreendi uma versão dele para o palco. A resposta é muito simples. É para deter o jorro de adaptações amadoras de que me chegou notícia, embora nunca as tenha visto. É para fornecer uma versão teatral definitiva que tenha autoridade autoral. É, além disso, uma versão que, ao contrário da adaptação cinematográfica de Kubrick, abarca a totalidade do livro, apresentando no fim um herói delinquentes que está agora em processo de crescimento, que se apaixona, que inicia uma vida decente e burguesa com mulher e filhos, e

que nos consola com a doutrina de que a agressão é um aspecto da adolescência que a maturidade rejeita. (...)

Há três momentos que reclamam música da minha autoria, ou de outra pessoa, mas o espírito de Beethoven tem que estar presente – o espírito da maturidade criativa que sabe conciliar a criação e a destruição. Não se trata aqui de grande ópera. É uma peçazinha que qualquer grupo pode interpretar, e é a minha despedida de uma preocupação que persistiu demasiado tempo. Quero dizer, uma preocupação escusada com um livro que pertence definitivamente ao meu passado – ao fim e ao cabo tem um quarto de século – e que eu preferiria esquecer. Escrevi outros livros e, creio eu, bem melhores.

ANTHONY BURGESS

The idea of “free will versus predestination”, as the only path to reaching the “humanity” of the human being, is for me the key issue in this play. In a world ruled by radical conformity, the protagonist chooses evil in a deliberate act of spiritual freedom, thus assuming that good is potentially more present in a man that chooses evil deliberately than in a man that is forced to be good. Human beings are what they are and they cannot be forced into being something through pressure or social constraints. This is a startling vision of state control, which annihilates any possibility of freely-chosen redemption. It is an intelligent reflection on the relationship between citizen and State and it compels us to ponder and think.

MANUEL WIBORG

**CONFERÊNCIAS 4<sup>AS</sup> FEIRAS 1, 8 E 22; 3<sup>A</sup> FEIRA 14 DE FEVEREIRO**  
18h30 · Pequeno Auditório e Sala 2 · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

# O Cinema e a experiência do mundo

Por Augusto M. Seabra



*Histoire(s) du Cinéma: Moments Choisis de Jean-Luc Godard*

O cinema é um facto corrente, até cada vez mais, com o que isso também supõe de depreciação. A crescente ordem doméstica de consumo de filmes em suportes que já não a da projecção, retirou a recepção cinematográfica do espaço público e colectivo e tornou-a ainda mais sedentária, quando os pressupostos da arte cinematográfica a faziam potencialmente de todas a mais nómada, aquela que permitiria conhecer maior diversidade de culturas e imaginários. Mas este pode ser também o quadro para repensar radicalmente a experiência cinematográfica como modo de conhecimento.

**Augusto M. Seabra** – Crítico. Membro do júri de vários festivais internacionais de cinema. Apresentou pela primeira vez em Portugal autores como Takeshi Kitano, Wong Kar-Wai,

Edward Yang, Alexander Sokurov, Annaud Despelechin ou Todd Haynes. Na Culturgest comissariou a programação de cinema dos Festivais “Extremos do Mundo”, “Europa” e “Comunidade”. No DocLisboa 2005, foi comissário do programa “Histórias da Europa: nacionalismos, identidades e fronteiras”.

*The fact that films are more and more intended for domestic consumption, in other media besides projection detaches cinematic reception from a public and collective space. It renders film more sedentary, whereas the prepositions of film make it the most potentially nomadic art of all, the one which would allow us to become acquainted with a broader diversity of cultures and imaginary universes of references.*

## **1 de Fevereiro – “O que é o cinema?” ou a infindável questão**

Um dos primeiros espectadores, Gorki, falava da “estranheza deste mundo”, do “reino das sombras” – “não a vida, mas a sombra da vida, não o movimento da vida, mas uma espécie de espectro mudo”. Quando o cinema começou a ser também considerado no campo da teoria estética, um Panofsky não hesitou em considerá-lo como “a realidade física enquanto tal”. Será “a verdade a 24 fotogramas por segundo” como pretendeu Godard? Imaginário e realismo, os termos de todo um debate de décadas, sobreviverão às tecnologias digitais?

## **8 de Fevereiro – A hipótese do espectador**

A consagração da arte cinematográfica passou pelo estatuto de “autores”. Mas para além das diversas apreciações, com base nas autorias, nos códigos ou nos modos de produção, há uma hipótese não menos importante de abordagem: como se constituiu o sujeito da percepção cinematográfica, o que é o espectador de cinema?

## **14 de Fevereiro – O sistema-mundo do cinema**

O cinema foi não apenas a primeira arte e/ou indústria cultural mas mesmo a primeira indústria que se erigiu à escala planetária, com um centro planetário, Hollywood. A possibilidade de conhecimento foi estandardizada e zonas regionais de influências constituídas e/ou marginalizadas, com o que isso supôs de normas e de quadros restritos de recepção.

## **22 de Fevereiro – O desastre do sensível e modos de conhecimentos**

A circulação incessante das imagens, exigindo um “hiper-realismo” para se distinguirem no fluxo, suscitou um paradoxo: tudo pode estar à vista, mas a sensibilidade aos modos de visibilidade cinematográfica foi radicalmente depreciada. E, no entanto, a própria política da centralização dos fluxos de informação e formatação tanto mais solicita uma outra hipótese: uma geopolítica da percepção e a possibilidade de reconsiderar o cinema como experiência do mundo e modo de conhecimento.

## JAZZ 4 DE FEVEREIRO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30 · 20 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Piano Danilo Rea **Contrabaixo** Remi Vignolo **Bateria** Aldo Romano

# Trio de Aldo Romano



© MEPHISTO

Aldo Romano nasceu em Belluno, Veneto, Itália, em 1941. Os seus pais emigraram para França, era ele muito novo. Mas manteve a nacionalidade italiana. Autodidacta, começou pela guitarra antes de, tinha então 20 anos, se decidir pela bateria, ao ouvir o grupo de Donald Byrd com o baterista Arthur Taylor.

Em Paris, nos clubes de jazz, nos inícios dos anos 1960, tocou com grandes músicos americanos de visita à Europa, como Jackie McLean, Bud Powell, Stan Getz ou Kenny Drew.

Em 1964 fazia parte de um grupo de free jazz e em 1965 era profissional, trabalhando com Carla Bley, Steve Lacey, Enrico Rava, Gato Barbieri, Don Cherry, entre outros. No final dessa década tocou ou fez digressões com, nomeadamente, Dexter Gordon, Jean-Luc Ponty, Michel Portal, Phill Woods, Joachim Kühn, Keith Jarrett. Formou o seu primeiro grupo, “Total Issue”, em 1970, seguido, em 1974, de um outro, “Pork Pie”, explorando os caminhos, então em voga, da fusão do rock com o jazz.

Nos finais dos anos 70 gravou os seus primeiros discos como líder, também eles resultados de encontros diversos. No início dos anos 80 conheceu Michel Petrucciani cuja carreira lançou, apoiando-o durante três anos, compondo para ele vários temas e gravando diversos álbuns. No final da década, além de ter tocado com Chet Baker ou René Urtreger, formou um quarteto italiano com Paolo Fresu, Franco d’Andrea e Furio Di Castri com quem gravou quatro discos, um deles, *Canzone*, revisitando canções populares.

Instrumentista versátil e original, Aldo Romano é igualmente um músico e compositor imaginativo, que ultrapassa as

fronteiras do jazz académico, sem qualquer espécie de demagogia musical, explorando temas evocativos das mais diversas origens geográficas (América Latina, África, Europa, para além dos Estados Unidos) quer de música popular, quer de música erudita, reiventando-se, experimentando novos estilos, participando em numerosas e diversificadas formações.

Em 2004 recebeu o prestigiado *Jazzpar*, o mais importante prémio de jazz internacional, consagrando uma carreira ímpar. Nesse ano, com Danilo Rea ao piano e Remi Vignolo no contrabaixo, gravou *Threesome*, CD largamente premiado e que está na base do concerto que vem fazer à Culturgest. Aldo Romano é um dos nomes maiores do jazz europeu.

**Aldo Romano was born in Belluno, Veneto, Italy, in 1941. A self-learner, he started out with the guitar before choosing the drums at the age of 20, when he heard Donald Byrd's band playing with drummer Arthur Taylor.**

**A resourceful and original instrument player, Aldo Romano is at a time an imaginative musician and composer, crossing over the line of academic jazz, free of any sort of musical rhetorical intention.**

**In 2004 and in recognition of a remarkable career he received the prestigious Jazzpar, the most important international jazz award. In that same year, together with Danilo Rea on piano and Remi Vignolo on contrabass, he recorded *Threesome*, which has won numerous prizes. This album is also the basis for Romano's concert in Culturgest. Aldo Romano is undoubtedly one of the leading figures in European jazz.**



Apoio:

## MÚSICA 7 DE FEVEREIRO

21h30 · Grande Auditório · Duração aproximada 1h00 (com intervalo)

10 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Maestro** Cesário Costa **Soprano** A indicar **Direção artística do projecto** José Júlio Lopes

**Co-produção** Orchestrutopica / Culturgest **Produção executiva** OrchestrUtopica

## CICLO PORTUGAL HOLANDA

### Diques

Nuno Miguel Henriques

*Elementos*

Michel van der Aa

*Above* (1ª audição)

Jan van de Putte

*Es schweigt* (1ª audição)

# OrchestrUtopica



Concebidos em 1892 como um enorme desafio à natureza, os diques da Holanda, manifestam uma energia contraditória: ao mesmo tempo que contêm e empurram para trás as águas do Atlântico Norte, permitem expandir o território, conquistar e alargar o espaço. Simbolizam um gesto inconformado: a não resignação às imperfeições do mundo, a afirmação do seu domínio técnico e cultural. Esse traço, mesmo que metafórico e simbólico, “ouve-se” e toma parte na nova música da Holanda.

Se se pode dizer que a geografia determina as produções culturais humanas, certamente o carácter da nova música holandesa distingue-se no mosaico europeu e no “estilo internaciona” dominante – talvez pelo mesmo traço que marca a ousadia de construir diques, pontes e canais. Uma generalização assim com esta precisão nacional é arriscada, certamente. Por isso, e para lá de uma descrição mais ou menos baseada em impressões e sensações, a escuta da nova música da Holanda permitirá reconhecer a inscrição de vozes e discursos que marcam hoje decisivamente de forma relevante o panorama da nova música.

As ligações entre a nova música dos dois países parece centrar-se em especial nos casos de compositores portugueses que estudaram composição em diferentes escolas da Holanda. António Pinho Vargas, António Chagas Rosa, Amílcar Vasques Dias, Nuno Côrte-Real, Vasco Mendonça, Nuno Miguel Henriques são alguns desses compositores; não é, no entanto, evidente, em todos os casos, uma marca claramente holandesa na sua música.

Não se centrando particularmente numa questão de “escola”, o concerto *Diques*

dá destaque a Michel van der Aa (um dos compositores mais marcantes da nova música holandesa), a Jan van de Putte e ao jovem compositor português, Nuno Miguel Henriques.

If one would consider the hypothesis that geography determines Man's cultural productions, no doubt the character of young Dutch music is set apart in the midst of the European mosaic and the ruling “international style” – maybe by the same feature that distinguishes the daringness of building dikes, bridges and canals. Naturally, a generalization with such a degree of national specificity is risky. For that reason, and moving beyond any description that is more or less founded on impressions or sensations, listening to new music from The Netherlands will allow us to recognize the presence of voices and patterns that have left a significant mark in the new music scene today.

Without focusing specifically on the issue of “school” affiliation, *Diques (Dikes)* highlights the work of Michel van der Aa (one of the most outstanding composers of new Dutch music), Jan van de Putte and the young Portuguese composer Nuno Miguel Henriques.

## DANÇA 10 E 11 DE FEVEREIRO

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 55 minutos · 15 Euros (Jovens até 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Direção Artística** Rasmus Ölme **Criação e Interpretação** Carmelo Fernandez, Dan Johansson, Rasmus Ölme

**Música** Igor Paszkiewicz **Cenário** REFUG **Luzes** Carmelo Fernandez

**Co-produção** Kulturhuset e Dansstationen/Palladium

Financiado pelo Swedish Institute, Swedish Artist Foundation e Cidade de Estocolmo

# NEXT Fence



© Jonas Bäckman

“A vida é perigosa e pode matar-nos. Neste espectáculo dança-se com os instintos de defesa do corpo e com as nossas paranóias. É uma reflexão poética sobre a nossa necessidade de segurança e protecção num mundo mais carregado de temores do que de ameaças, inspirada na propensão natural e intuitiva do corpo para a auto-defesa”.

Ex-membro da companhia Última Vez, de Wim Vandekeybus, repartindo a sua actividade entre Bruxelas e Estocolmo, o coreógrafo e performer sueco Rasmus Ölme criou este quarteto (três bailarinos, Ölme incluído, e um músico em cena, todos já colaboradores de anteriores aventuras artísticas) no Outono de 2004 e estreou-o na Casa da Cultura (Kulturhuset) de Estocolmo em Dezembro do mesmo ano.

“Life is dangerous and it can kill us. In this performance, we dance with the body's defense instincts and with our paranoia. It is a poetic reflection on our need for safety and protection in a world that is fraught with fear rather than threat, inspired by the natural and intuitive propensity for self-defense.

A former member of Wim Vandekeybus' company Última Vez, the Swedish choreographer and performer Rasmus Ölme lives and works between Brussels and Stockholm. He created this quartet - formed by three dancers, including Ölme himself, and a musician on stage (all of whom had already joined him in previous artistic ventures) in the Fall of 2004. Its first presentation took place at the Stockholm House of Culture (Kulturhuset) in December 2004.

## TEATRO 21, 22, 23, 24 E 25 DE FEVEREIRO

21h30 · Pequeno Auditório · Duração 1h00 · 12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Títulos originais** *Thom Pain (Based on nothing)*, *Lady Grey (In ever lower light)* **Tradução** Jacinto Lucas Pires (*Thom Pain*) e Marcos Barbosa (*Lady Grey*) **Direcção e encenação** Marcos Barbosa **Dramaturgia** Jacinto Lucas Pires

**Com** Catarina Requeijo e Marcos Barbosa **Cenografia, figurinos e grafismo** Sara Amado

**Desenho de luz** José Álvaro Correia **Uma co-produção** .ilástico / Culturgest / Casa das Artes (Famalicão)

Outras apresentações: 3 e 4 de Março na Casa das Artes (Famalicão)

Conversas com o público após o espectáculo nos dias 23 e 25

# Thom Pain Lady Grey

Dois monólogos de Will Eno. Um espectáculo .ilástico



© Sara Amado

*Thom Pain (baseado em nada)*, de Will Eno, é a construção – múltipla, rigorosíssima – de uma hesitação monumental. Absoluta quase, dir-se-ia. Um texto sobre o discurso e a exposição física, o medo e a narração, sobre os artifícios e os limites do teatro, e no fim da linha – por um certo inesperado avesso – sobre a própria alegria de estar vivo. Vivo em palco e vivo no público. Vivo ao vivo. Um texto que, na sua aparente leveza, fala dos mais sérios absurdos humanos, não se furtando a quase nada. É uma peça que consegue o feito louco de ir avançando às arrecuas.

*Lady Grey (a uma luz cada vez mais baixa)* – o outro monólogo deste espectáculo – é, também, o texto de um texto, digamos assim, palavras que se sabem palavras. Nele uma actriz tenta preencher o silêncio para, finalmente, eventualmente, conseguir agir. Num certo sentido, não se trata de uma história mas de uma pré-história. Quais as frases de chegar ao princípio?

Will Eno, de quem já se disse ser descendente de Beckett e Albee, é dono de uma voz original e poderosa que faz das contradições forças e da banalidade iluminações. A sua escrita não se esgota no humor nem numa simples estratégia de – palavra horrível – “desconstrução”. As suas não-personagens são artificiosas para serem verdadeiras, as suas gargalhadas carregam tristezas mortais. Mas – “não é óptimo estar vivo?”.

Um regresso .ilástico à tradução de textos de autores contemporâneos que, como em 1999 com *Variações sobre os Patos* de David Mamet, pretendemos seja o início de um novo ciclo. Um espectáculo que, partindo da forma convencional do monólogo, se construa na direcção da ficção e que dela se construa a relação com o público.

Will Eno vive em Brooklyn. Escreveu *The Flu Season*, *Tragedy: a tragedy*, *King: a problem play*, *Intermission*. As suas peças foram produzidas por companhias como o Gate Theatre, a Soho Theatre Company, Rude Mechanicals, NY Power Company, Naked Angels e na BBC Rádio. *Thom Pain (based on nothing)* ganhou um First Fringe Award no festival de Edimburgo.

*Thom Pain (based on nothing)*, by Will Eno, represents the multileveled and meticulous construction of a colossal hesitation. This is a text on discourse and physical exposure, fear and narration, on the ploys and limits of theatre. To an extent – and thanks to an unexpected twist – this is a text on the simple joy of being alive. In its seeming weightlessness, the text speaks of the most serious human absurdities and shies away from scarcely anything.

*Lady Grey (in ever lower light)* – the other monologue in this show – is also the text of another text, or rather, words that know themselves to be words. An actress tries to fill the silence in order to, finally, eventually, be able to take action. In a certain sense, this is not a story but rather a pre-story. Which sentences will lead us to the beginning?

Will Eno lives in Brooklyn. He has written *The Flu Season*, *Tragedy: a tragedy*, *King: a problem play*, *Intermission*. His plays have been produced by companies such as the Gate Theatre, the Soho Theatre Company, Rude Mechanicals, NY Power Company, Naked Angels and BBC Radio. *Thom Pain (based on nothing)* won a First Fringe Award in the Edinburgh festival.

## DANÇA 25, 26 E 27 DE FEVEREIRO

Das 16h00 às 20h00 · Grande Auditório · Duração 4h00 · 5 Euros (Preço único)

*Bal Moderne* (Baile moderno), um evento festivo participado pelo público, produzido pela Companhia ROSAS.

# Bal Moderne



A fórmula é conhecida por todos (e foram tantos!) que vieram ao *Bal Moderne* à Culturgest o ano passado.

Três danças de aproximadamente 3 minutos cada, especialmente concebidas por coreógrafos consagrados ou que agora se revelam, são ensinadas ao público num Baile. Cada dança aprende-se em 45 minutos, num ambiente descontraído, divertido, de festa. O contrário de uma aula de dança convencional e mais descontraído do que uma discoteca da moda.

Nem a idade, nem a aptidão para dançar constituem um obstáculo ao prazer de participar no Baile – a mistura equilibrada das diferentes danças propostas durante a *matiné* leva a que toda a gente encontre a que mais tem a ver consigo. As danças são concebidas para não excluir ninguém, nem mesmo aqueles que venham sem par ou que achem que não têm jeito para dançar.

Um DJ mantém as pessoas na pista de dança. Entre cada sessão de 45 minutos, há uma pausa de 15 minutos. Tempo para dançar livremente, ou para descansar, conversar ou ir ao bar tomar qualquer coisa. Depois de aprendidas as 3 coreografias, o baile prossegue. O DJ põe a música, as pessoas dançam livremente. De vez em quando volta-se às coreografias que foram aprendidas.

Poucos projectos aliam de forma tão simpática a arte com a grande e as práticas artísticas amadoras. O *Bal Moderne* foi criado em 1993 por Michel Reillac, em Paris. Teve um êxito imediato. Em 1996 a companhia ROSAS, de Anne Teresa De Keersmaeker, em colaboração com o KunstenFESTIVALdesArts, convidou o *Bal Moderne* a ir pela primeira vez a Bruxelas e a partir daí tornou-se seu produtor. O *Bal* é um enorme sucesso por todo o lado onde se apresenta, e já foi a França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Canadá, Suíça, Inglaterra, Portugal.

O ano passado, aqui na Culturgest, a

entrada era livre. As pessoas levantavam as senhas de acesso meia hora antes do início da sessão. O êxito foi tão grande que umas horas antes já se formava uma enorme fila na nossa bilheteira. Esgotavam-se rapidamente as senhas e muita gente ficava de fora, desconsolada. Por isso resolvemos que este ano há bilhetes, com o preço único de 5 Euros. A lotação de cada Baile é limitada a 150 pessoas. São as que cabem no palco do nosso Grande Auditório de forma a terem espaço para dançar. Apresses-se, por isso, a comprar o seu bilhete.

All those who attended *Bal Moderne* at Culturgest last year (and they were many!) are familiar with the *modus operandi* of this activity.

The audience will be taught 3 dances of approximately 3 minutes each in the course of a Dance. Created especially for the *Bal Moderne* by a renowned or upcoming choreographer, each dance will be taught during a 45-minute period spent in a relaxed and festive atmosphere, unlike a conventional dance lesson or your average fashionable club.

A dj will keep people on the dance floor. Between each 45-minute session there will be a 15-minute break – time to dance at your will, rest, chat or take some refreshment at the cafeteria. Once the three choreographies have been learned, the dance continues. The dj gets the music going and everyone is free to dance at their own will. Now and again, the dancers return to the choreographies they have learned.

## DANÇA 2 DE MARÇO

21h30 · Grande Auditório · Dur. 1h15 (com intervalo) · 15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Director artístico** Mudadeniye Gedara Peter Surasena **Bailarinos** Mudadeniye Gedara Peter Surasena, Mudadeniye Gedara Jananka Surasena, Batagalle Gedara Ishara Dilrukshi Amarasinhe e Nawarathne Supipi Kaushini

**Percussão** Mudadeniye Gedara Susantha Pradeep Kumara Surasena e Illankalli Gedara Sirisoma

**Co-produção** Fundação Oriente / Culturgest

A receita deste espectáculo reverte a favor da acção humanitária desenvolvida pela AMI no Sri Lanka

# Danças de Kandy – Sri Lanka

Peter Surasena Dance and Drum Ensemble



© Studio Mallika Kandy

As Danças de Kandy remontam ao século XVI e floresceram até ao século XIX sob os auspícios dos reis de Kandy.

Hoje elevadas ao estatuto de forma artística nacional, os seus movimentos energéticos acompanhados por um elaborado sistema rítmico, marcado ao som de tambores (*gete-bere*) e címbalos, a beleza das vestes e ornamentos dos bailarinos, transportam-nos para o fascinante universo das tradições ancestrais e religiosas cingalesas.

Peter Surasena é um dos mais conceituados artistas do Sri Lanka, descendente de uma família de bailarinos que actuava na corte dos reis de Kandy, e tem sido amplamente galardoado pela sua arte e mestria.

Ao longo da sua carreira, Surasena e a sua companhia têm actuado com grande êxito no Sri Lanka e em vários países do mundo, destacando-se as suas digressões pelo Reino Unido, Suíça, Austrália, Canadá, Japão, Israel, América Latina e América do Norte, onde se apresentaram inclusive no Carnegie Hall, Nova Iorque.

Esta é uma excelente oportunidade para, em Portugal, conhecer uma das mais emblemáticas tradições artísticas da Ásia do Sul, numa ocasião em que se assinalam os 500 anos da chegada dos portugueses ao Sri Lanka.

Dating back to the 16<sup>th</sup> century, the Kandyan dances flourished as far as the 19<sup>th</sup> century under the patronage of the kings of Kandy and have now been elevated to the rank of national art form. The dances' energetic movements, accompanied by an elaborate rhythmic system punctuated by drums (*gete-bere*) and cymbals, the beauty of the dancers' costumes and ornaments transport the audience to the fascinating universe of the ancient and religious Sinhalese traditions.

One of Sri Lanka's most prominent performing artists, Peter Surasena was born into a family of dancers that performed at the court of the kings of Kandy. His masterful artistry has merited ample recognition and praise. In the course of their career, Peter Surasena and his company have performed with enormous success in Sri Lanka as well as several countries throughout the world, especially in their tours of the United Kingdom, Switzerland, Australia, Canada, Japan, Israel, Latin America and North America, where they performed in Carnegie Hall, New York.

This is a great opportunity for the Portuguese public to discover one of Southern Asia's most emblematic artistic traditions, especially since this date marks the 500<sup>th</sup> anniversary of the arrival of the Portuguese to Sri Lanka.

FUNDAÇÃO  
ORIENTE



## CONFERÊNCIAS ÀS 4<sup>AS</sup> FEIRAS 8, 15, 22 E 29 DE MARÇO

18h30 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

---

# Aspectos da Dança Contemporânea

Por Ezequiel Santos



Julie Stanzek em *Nelken* de Pina Bausch © Ulli Weiss

Nestas 4 sessões serão tratados conceitos que auxiliam o espectador na compreensão e na leitura da obra coreográfica, na produção contemporânea. Observaremos as suas origens e apresentaremos alguns dos marcadores históricos, artísticos, técnicos e ideológicos que a definem. Durante esse caminho seremos acompanhados por uma coleção dos seus protagonistas.

**Ezequiel Santos** nasceu em Coimbra em 1967. Psicólogo e psicoterapeuta é doutorando em neuropsicologia e docente na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, na área de ciências sociais. Membro do Forum Dança desde 1996, onde lecciona seminários de história da dança, é ainda regularmente conferencista em instituições do ensino superior para as áreas da dança e da psicologia. Entre 1990 e 1996 foi bailarino e crítico de dança.

These 4 sessions will address concepts that may assist audience members in understanding and reading choreographic works in contemporary production. We will be looking into their origins and introduce some of the historic, artistic, technical and ideological milestone that define them. Throughout this journey, the audience will be joined by a series of its leading figures.

---

### 8 de Março – *Modos de representação na dança contemporânea*

Uma caracterização da dança contemporânea: o corpo, as técnicas usadas e a comunicação com o espectador.

### 15 de Março – *Do expressionismo alemão ao Tanztheater de Pina Bausch*

A *Ausdruckstanz* e os seus protagonistas nas décadas de 20 e de 30 na Europa. O período do pós-guerra e o trabalho de Pina Bausch.

### 22 de Março – *Merce Cunningham e a geração pós-moderna dos anos 60*

A inovação técnica, ideológica e estética em Merce Cunningham como auxiliar do corpo político da geração de 60. As rupturas operadas pela dança pós-moderna.

### 29 de Março – *A Nova Dança Europeia*

A década de 80 e a Nova Dança: tradição, inovação e miscigenação coreográfica. Os anos 90 e o regresso às raízes pós-modernas na dança actual.

## MÚSICA 10 DE MARÇO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30 · 15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

Direcção e Arranjos Ohad Talmor Solista e compositor convidado Lee Konitz

# Lee Konitz e Orquestra de Jazz de Matosinhos



Lee Konitz e Ohad Talmor

Por ocasião de Porto 2001 a Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM) encomendou obras a vários compositores portugueses. Pretendendo alargar as encomendas a compositores estrangeiros, dirigiu um convite a Lee Konitz, uma das grandes lendas vivas do Jazz e um dos mais originais saxofonistas alto de sempre. Estudou e gravou com Lennie Tristano, fez parte do Miles Davis Birth Cool Nonet. O convite foi aceite, Lee Konitz compôs todas as peças que integram este concerto, em que participa como solista principal.

Os arranjos e a direcção ficam a cargo de Ohad Talmor, saxofonista e arranjador que emerge na cena nova iorquina a partir de 1995, tocando com grandes músicos como, entre muitos outros, Steve Swallow, Dave Douglas, Chris Potter, Jim Black, Carla Bley. Da sua colaboração com Konitz sobressaem os arranjos que fez para o Lee Konitz New Nonet.

Deste trabalho conjunto a OJM pretende editar um CD, que fique como testemunho desta ambiciosa aventura.

Em 1997 o pianista e compositor Pedro Guedes fundou a Heritage Big Band. Um ano depois juntou-se-lhe, também com funções de direcção, o pianista e compositor Carlos Azevedo. Apoiada desde sempre pela Câmara Municipal de Matosinhos, a HBB passou a designar-se Orquestra de Jazz de Matosinhos. Actuou em inúmeros concertos em Portugal e Espanha, tocou com solistas de prestígio mundial como Bob Berg, Ingrid Jensen, Conrad Herwig, Steve Swallow, Gary Valente, Mark Turner ou Rich Perry, tendo sido dirigida em 2003, no "Festival em Obra Aberta", na Casa da Música, por Carla Bley.

For Porto 2001, Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM) commissioned works to several Portuguese composers. With the desire of extending these commissions to foreign composers, the OJM invited Lee Konitz, one of Jazz's living legends and one of the most unique saxophone alto players of all time. He has studied and recorded with Lennie Tristano and was part of the Miles Davis Birth Cool Nonet. The invitation was accepted and Lee Konitz composed all the pieces performed in this concert, where he also features as lead soloist.

Ohad Talmor will be in charge of the arrangements as well as the conduction. A saxophone player and arranger, Talmor emerged in the New York scene around 1995. Since that time, he has played with outstanding musicians such as Steve Swallow, Dave Douglas, Chris Potter, Jim Black and Carla Bley. One of the highlights of his collaborative work with Konitz are the arrangements he made for the Lee Konitz New Nonet. OJM plans to release this joint body of work in an album, which will constitute a testimony of this ambitious adventure.

## DANÇA 15 E 16 DE MARÇO

21h30 - Palco do Grande Auditório - Dur. 50 minutos - 12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Concepção e coreografia** Laurence Yadi, Nicolas Cantillon **Interpretação** Laurence Yadi ou Nicolas Cantillon  
**Desenho de Luz** Jean-Philippe Roy **Desenho de som** Yann Gioria **Cenografia** Sylvia Faleni  
**Assistente de produção** Baptiste Lefebvre **Administração** Véronique Maréchal **Co-produção** Compagnie 7273, Culturgest (Lisboa), O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo) **Lugares de Criação** ADC Genève (CH), Flux Laboratory Carouge (CH), Arsenic Lausanne (CH), O Espaço do Tempo - Montemor-o-Novo (P) **Apoios** Cidade de Genève, Pro Helvetia - Arts Council of Switzerland; Loterie Romande, Etat de Genève; A Compagnie 7273 é uma companhia associada da Fondation Nestlé pour l'Art  
A digressão tem o apoio da Pro Helvetia - Arts Council of Switzerland  
Outras apresentações: 8 e 9 de Março - O Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo; 11 de Março - Teatro Viriato, Viseu; 29 de Março a 8 de Abril - ADC Salle des Eaux Vives, Genève; de 7 a 12 de Novembro - Arsenic, Lausanne

# Climax

Pela Compagnie 7273



© Sandra Piretti

“(…) Climax: termo final, apogeu, último limiar.

Este climax de sonoridade triunfal está condenado à melancolia, portadora do germe da sua destruição. Representa um horizonte, um apogeu, que sem cessar se oculta: decepção salutar, pois a dança não resistiria ao encontro com o seu desejo. É um chariz, uma provocação a que o bailarino opõe uma imperturbável concentração.

É neste espaço entre a dança e o seu climax, entre o “dansável” e uma ingénua tentação de absoluto, que se desenrola a cena, ocupada por um bailarino, aparentemente indiferente mas animado, tenso pela visão de um climax que lhe fornece um móbil, uma razão para continuar (...)”.

GRAZIELLA JOUAN

Naturais de França, Laurence Yadi e Nicolas Cantillon trabalharam, entre outros, com os coreógrafos Rui Horta e Guilherme Botelho, antes de fundarem, em Dezembro de 2000, a Companhia 7273 franco-suíça, com a qual criaram *La Vision du Lapin* (2003), já apresentada em Portugal (O Espaço do Tempo, Montemor-O-Novo, e Centro Cultural de Belém, Lisboa) e *Simple Proposition* (2004). Os seus projectos coreográficos têm despertado um interesse crescente da parte da crítica e do público e têm circulado na Europa (Suíça, França, Alemanha, Polónia). Regressam agora a Portugal para uma nova residência em Montemor-O-Novo e para a criação de *Climax*, que será co-produzido por O Espaço do Tempo e pela Culturgest, e apresentado nestes dois espaços e também no Teatro Viriato, em Viseu. A Culturgest trazem igualmente o dueto *Simple Proposition* (*Proposta Simples*).

“(…) Climax: terminus, apogee, last threshold.

This climax of triumphal sonority is condemned to melancholy, bearer of the very seed of its destruction. It represents an horizon, an apogee, forever hiding itself: a fortunate deception, since dance would not resist the encounter with its desire. It is a decoy, a provocation, to which the dancer opposes an unflappable concentration. It is in the space between dance and its climax, between “danceable” and a naive temptation towards absolute that the scene takes place, occupied by one dancer, apparently indifferent though animated, tense by the vision of a climax that provides him with a motive, a reason to carry on (...)”.

GRAZIELLA JOUAN

Originally from France, Laurence Yadi and Nicolas Cantillon worked with choreographers such as Rui Horta and Guilherme Botelho before founding franco-suisse Company 7273, in December 2000. With this company they created *La Vision du Lapin* (2003), already performed in Portugal (O Espaço do Tempo, Montemor-O-Novo, and Centro Cultural de Belém, Lisboa) and *Simple Proposition* (2004). Their choreographic projects have been raising a growing interest among critics and audiences alike and have toured Europe (Switzerland, France, Germany, Poland). They are returning to Portugal for a new residency in Montemor-O-Novo and for the creation of *Climax*, a co-production between O Espaço do Tempo and Culturgest. *Climax* will be presented at both these venues as well as in Teatro Viriato, in Viseu. Culturgest will also host the duet *Simple Proposition*.

## DANÇA 17 DE MARÇO

21h30 · Palco do Grande Auditório · Dur. 55 minutos · 12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Concepção, Coreografia e interpretação** Laurence Yadi, Nicolas Cantillon **Desenho de som** Eric Linder **Desenho de Luz** Daniel Demont **Operador de som e luz** Yann Gioria **Colaboração artística** Daniel Demont, Edouard Levé e João Fiadeiro **Administração** Véronique Maréchal **Co-produção** Compagnie 7273, Château Rouge em Annemasse (França) e Villa Bernasconi em Lancy (Suíça) **Espaços de Trabalho** O Espaço do Tempo (Portugal), Château Rouge (França), ADC, Arsenic, Flux Laboratory e Théâtre de l'Usine (Suíça) **Apoios** Cidade de Genève - Département des affaires culturelles, DRAC Rhône-Alpes, Pro Helvetia - Arts Council of Switzerland, Fondation Nestlé pour l'Art, Stanley Thomas Johson Foundation, Fonds Mécénat SIG e Schweizerische Interpreten-Stiftung  
A digressão tem o apoio da Pro Helvetia - Arts Council of Switzerland

“(…) Esta proposta simples, desprendida, trabalha a forma do dueto com a precisão de um instrumento: opera uma sucessão de gestos, poses, imagens, seccionadas, antecipadas, isoladas da economia do movimento e do seu fluxo, privadas de causalidade imediata, descontextualizadas. Fragmentar, retalhar: prática desviante aparentada à do fetichista que se precipita sobre a parte mais do que sobre o todo (…)”

GRAZIELLA JOUAN

“(…) This simple, uncommitted proposition works on the form of the duet with the precision of an instrument: it carries out a succession of gestures, poses, images – sectioned, anticipated, isolated from the economy of movement and its flow, deprived of direct causality, out of context. Fragmentizing, cutting up: a deviant practice akin to that of the fetishist, who seizes upon a specific part in detriment of the whole (…)”

GRAZIELLA JOUAN

# Simple Proposition

Pela Compagnie 7273



## TEATRO 21 E 22 DE MARÇO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h40 · 12 Euros (Jovens até 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Texto** Hanneke Paauwe **Tradução** Célia Fechas e Steven Brys **Encenação** Graeme Pulleyn **Direção Musical e Música** Carlos Clara Gomes **Cenografia e Figurinos** Helen Ainsworth **Assistência a Cenografia** Abel Duarte e Eduardo Correia **Construção de Cenários** Abel Duarte e Eduardo Correia **Construção de Cenários** Carlos Cal **Operação de som e Projecção de Imagem** Victor Génio **Desenho de Luzes** Graeme Pulleyn e TRSM **Operação de Luzes** Carlos Cal **Fotografia** Susana Paiva **Intérpretes** Susana Branco, Paulo Duarte, Miguel Sopas e Tanya Ruivo **Produção Executiva** Paula Teixeira e Lúcia Simões **Assessoria de Imprensa** Paula Teixeira **Cartaz** Helen Ainsworth **Design Gráfico** Helen Ainsworth e DpX **Co-produção** Teatro Regional da Serra do Montemuro e Teatro Viriato

# Sucata Sisters Sarrabulho

De Hanneke Paauwe. Um espectáculo do Teatro Regional da Serra do Montemuro



Inspirado nos melodramas do século dezanove, nos filmes mudos e nas baladas *country*, *Sucata Sisters* é de um humor terrivelmente negro.

O confronto do urbano e do rural, do feminino e do masculino, do civilizado e do primitivo, deixa-nos com um espectáculo que nos assusta e que nos entretém, que nos comove e nos faz pensar... Será possível?

Mas a verdade é que é.

A verdade é pior do que o nosso imaginário.

Inspired by 19<sup>th</sup> century melodrama, By silent movies and country ballads, the humour in *Sucata Sisters* is terribly black. The confrontation between urban and rural, feminine and masculine, civilized and primitive, leaves us with a show that scares and entertains us, that moves us and makes us think. Is it possible? The truth is it is. The truth is worse than we imagine.



**TEATRO VIRIATO**  
centro regional das artes de  
espectáculos das beiras

## MÚSICA 25 DE MARÇO

21h30 · Grande Auditório · Dur. 1h20 (com intervalo) · 15 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Fernando Lopes-Graça (1906-1994)**

*Variações sobre um Tema Popular Português*  
*Epitalâmio* (1ª audição absoluta)

**Fryderyk Chopin (1810-1849)**

*Improviso em sol bemol maior*, Op. 51

**Fernando Lopes-Graça**

*Três Epitáfios: Para um céptico; Para uma donzela; Para o autor*

**Fryderyk Chopin**

*Prelúdio em mi menor*, Op. 28 n.º 4

**Fernando Lopes-Graça**

*Nocturno* Op. 105 n.º 5; *Improviso* Op. 146 n.º 4

**Fryderyk Chopin**

*Nocturno em si maior*, Op. 62 n.º 1

**Fernando Lopes-Graça**

*Sonata* n.º 3

# Miguel Henriques

## Recital de piano



### Centenário Fernando Lopes-Graça

No programa deste recital a música de Fernando Lopes-Graça surge em exemplos diferenciados, alternando com outros de Chopin. As razões desta associação poderão revelar-se surpreendentes para alguns, mas é inequívoco o seu enraizamento profundo na enorme admiração de Lopes-Graça pelo compositor polaco.

No seu artigo *Evocação de Chopin* Lopes-Graça a ele se refere com palavras de inequívoca veneração: *é um artista puro, simples e humano*. Em particular o amor de Chopin pela música do seu povo e o modo como a absorveu, integrando-a no seu discurso, constituiu para o compositor português um dos exemplos modelares mais marcantes.

Para além do papel central que o piano teve na sua própria formação, a figura do grande pianista Vianna da Motta, seu mestre, terá sido outra das referências que mais o aproximaram da música de Chopin. Mas acima de tudo o que predomina na obra de Lopes-Graça, tal como em Chopin, é a celebração do homem na sua forma poética mais verdadeira e depurada.

**Miguel Henriques** tem-se dedicado ao longo da sua carreira à divulgação das principais obras do repertório pianístico - algumas menos conhecidas do público. Os seus programas, abrangendo os diferentes estilos, do barroco ao contemporâneo, incluem frequentemente obras de Beethoven, Chopin, Janáček, Schubert, Liszt, Tchaikovsky, Scriabine, Shostakovitch, Messiaen, Schnittke, Lopes-Graça, e António Pinho Vargas. De música de Lopes-Graça são igualmente os seus últimos registos discográficos os quais mereceram referência destacada na crítica especializada, em Portugal e em Inglaterra.

In this recital's programme, the music of Fernando Lopes-Graça appears in distinct examples, alternating with others by Chopin. The reasons for this association can turn out to be quite surprising for some, but it undoubtedly stems from the deep-seated admiration Lopes-Graça harboured for the Polish composer.

In his article *Evocação de Chopin* (Evocation of Chopin), Lopes-Graça refers to him with words of unquestionable reverence: *he is a pure artist, simple and humane*. Most of all, it was Chopin's love for the music of his people and the way in which he absorbed it, incorporating it into his musical discourse, that left the strongest impression in the Portuguese composer, becoming his paragon. In addition to the central role of the piano in his own background, his master, the great pianist Vianna da Motta, was another main reference that brought Lopes-Graça closer to the music of Chopin. But above all, as in Chopin's, the dominant feature in the work of Lopes-Graça is the celebration of Man in its truest and most sublimated poetic form.

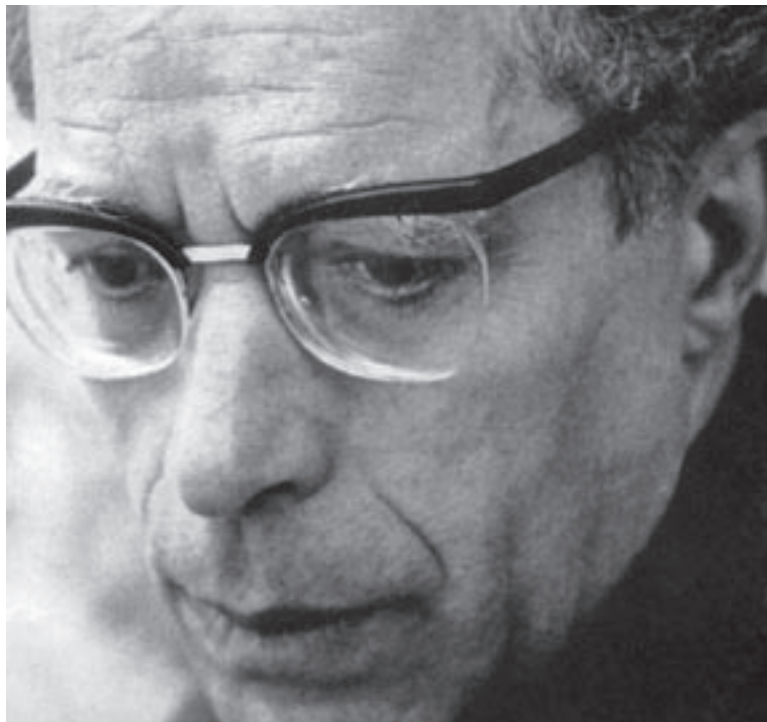
## CONFERÊNCIAS 25 DE MARÇO

18h30 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

---

# Para ouvir Lopes-Graça

Por Paulo Ferreira de Castro



O centenário de um compositor convida geralmente aos “balanços” unânimes e à atribuição de uma espécie de lugar cativo na História. Não assim com Fernando Lopes-Graça, cuja figura e sobretudo cuja música continuam a suscitar o debate. De facto, as visões correntes da obra e do artista, orientadas pelos prismas do folclorismo, do empenho cívico e político, do testemunho angustiado de um tempo problemático, dão conta de outras tantas componentes reais da sua personalidade, mas não esgotam o tema. A presente conferência propõe-se revisitar alguns momentos de um percurso de compositor menos linear do que se supõe e avança algumas propostas de *escuta* de uma obra que talvez não tenha revelado ainda a sua verdadeira dimensão.

**Paulo Ferreira de Castro**, musicólogo, formado nas Universidades de Estrasburgo, Leeds e Londres, é autor de inúmeros escritos e conferências sobre temáticas musicais, e exerceu, entre outros, o cargo de Director do Teatro Nacional de São Carlos. Actualmente, lecciona no Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa.

A composer's centennial tends to invite unanimous considerations on merit, which result in bestowing upon the composer a kind of right of place in History. This is not the case with Fernando Lopes-Graça – the man and especially the music continue to rouse discussion. As a matter of fact, the common perspectives on the artist and his work, through the angles of lore, civic and political commitment and the anguished testimony of a troubled time, convey many real elements of his personality but do not exhaust the theme. This conference proposes to revisit some highlighted moments of the composer's course of life and work, which may prove to be less straight forward than it is generally supposed. It may equally put forward some *listening* alternatives for a work that may not yet have revealed its true stature.

## TEATRO 29, 30, 31 DE MARÇO; 1, 3, 4, 5, 6 DE ABRIL

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 2h00 · 12 Euros (Jovens até aos 30 anos: 5 Euros. Preço único)

**Tradução** Pedro Marques **Com** José Airosa, Sylvie Rocha e Sofia Correia **Cenografia e Figurinos** Rita Lopes Alves **Assistente de cenografia** Daniel Fernandes **Apoio vocal** Rui Baeta **Operador de som e luz** João Cachulo

**Encenação e luz** Pedro Marques **Assistência de encenação** Ricardo Carolo

**Uma co-produção** A&M / Artistas Unidos / Culturgest

Outras apresentações: 10 e 11 de Fevereiro no Teatro Viriato (Viseu); 15 e 16 de Fevereiro no TAGV (Coimbra); 17 e 18 de Fevereiro na Casa das Artes (Famalicão); 3 de Março no Teatro Municipal de Bragança; 8 a 18 de Março no Rivoli-Teatro Municipal do Porto; 23 de Março no Teatro Municipal da Guarda

Conversas com o público após o espectáculo nos dias 31 de Março, 4 e 6 de Abril.

O texto de *Orgia*, juntamente com *Pocilga*, será editado nos Livrinhos de Teatro Artistas Unidos / Livros Cotovia.

# Orgia

De Pier Paolo Pasolini. Um espectáculo A&M



© Jorge Gonçalves

*Orgia* é a crónica das pobres emoções sado-masoquistas de dois cônjuges pequeno-burgueses no calor de uma desoladora Páscoa, da fuga-suicídio de uma esposa-amante-escrava, da devastação do esposo ao encontrar-se com uma pequena prostitutazinha de passagem, do seu extremo delírio fetichista e transsexual até ao seu suicídio por enforcamento.

Mais do que uma peça de teatro, *Orgia* pode ser definido como um poema a várias vozes, ou um oratório laico que exprime, entre lirismo e declaração, os temas preferidos de Pier Paolo Pasolini. A crise da sociedade é representada através de uma obsessão individual, em que o mistério da geração de filhos e o problema da identidade pessoal encontram a obsessão do sexo, objecto de culpa e meio de conhecimento: eis então o delírio, contado, saboreado e seccionado, de um casal sado-masoquista, uma orgia sangrenta de palavras que encontra a sua própria essência no reconhecimento da diversidade.

FRANCO QUADRI

Aconselha-se calorosamente a uma senhora que frequente os teatros da cidade que não assista às representações do novo teatro. Ou, caso se apresente com o seu simbólico, patético, casaco de vison encontrará na entrada um cartaz a explicar que as senhoras com casacos de vison deverão pagar um preço trinta vezes mais alto que o preço normal. Nesse mesmo cartaz, pelo contrário, estará escrito que os jovens fascistas de vinte e cinco anos poderão entrar de graça. Além disso, pediremos também que não aplaudam. Vais e outras formas de desaprovação serão admitidas.

(...) O novo teatro quer definir-se como Teatro da Palavra. Incompatibiliza-se tanto com o teatro tradicional como com todo o tipo de contestação ao teatro tradicional. Remete explicitamente para o teatro da democracia ateniense, saltando completamente toda a tradição do teatro burguês, e porque não dizer a inteira tradição moderna do teatro renascentista e de Shakespeare. Espera-se que o espectador oiça mais do que veja. As personagens são ideias a serem ouvidas.

PIER PAOLO PASOLINI

“Manifesto por um novo teatro” (1968)

*Orgia* is the chronicle of the poor sadomasochistic petit-bourgeois emotions of two spouses in the heat of a desolate Easter, of the escape suicide of a wife, lover, slave, of the husband's devastation upon running into a passing little prostitute, of his extreme fetishist and transsexual delirium until his suicide by hanging.

More than a theatre play, *Orgia* can be defined as a poem for many voices, or a laic oratorium that expresses Pier Paolo Pasolini's favourite themes, between lyricism and statement. The crisis in society is represented through an individual obsession where the mystery of conceiving children and the problem of personal identity encounter the obsession for sex, object of guilt and medium for knowledge. Thus arises the delirium - told, savoured and sectioned - of a sadomasochistic couple, a bloody orgy of words that finds its own essence in the recognition of diversity.

FRANCO QUADRI

a&m

ARTISTAS UNIDOS



## LEITURAS 1 DE ABRIL

18h30 · Pequeno Auditório · Entrada gratuita (Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes do início da sessão, no limite dos lugares disponíveis)

Leitura de algumas poesias de Pasolini em traduções de Maria Jorge Vilar de Figueiredo (Assírio & Alvim) e Carlos Garcia (Abril em Maio) por Jorge Silva Melo, José Airoso, Pedro Marques, Sofia Correia e Sylvie Rocha.

# As cinzas de Pier Paolo Pasolini



© Ugo Mulas

*E agora regresso a casa, cheio daqueles anos  
tão novos que nunca poderia pensar  
sabê-los velhos numa alma*

TRAD. MJVJ

“... não se poderá negar que uma determinada forma de sentir qualquer coisa se repete, idêntica, na leitura de alguns dos meus versos e em algumas das minhas filmagens”, escrevia Pasolini. E que significam, neste seu permanente envio à poesia, as falas das suas personagens nas tragédias que em verso escreveu? Poderíamos dizer que o teatro de Pasolini nasce no momento em que personagens diferentes se apoderam da sua língua: “Nessa altura só conseguia escrever versos atribuídos a personagens”, diz.

Na altura em que, um pouco por todo o lado, o Teatro da Palavra de Pier Paolo Pasolini volta a ocupar os palcos, é tempo de ver como essa palavra nasceu e viria a informar a sua poesia, a que ele próprio diz não ver razão para apor a palavra fim.

“... it cannot be denied that a certain way of feeling something repeats itself, identically, when reading some of my verses and in some of some of my film work”, wrote Pasolini.

As Pier Paolo Pasolini's Theatre of the Word is returning to stages everywhere, it is time to look at how that powerful word came into existence and later influenced his poetry, to which, according to Pasolini himself, there was no reason to apply the words “the end”.

a&m

ARTISTAS UNIDOS

**Exposições**

**EXPOSIÇÃO DE 1 DE FEVEREIRO A 30 DE ABRIL**

Galerias 1 e 2 · 2 Euros

Visita guiada com a artista Angela de la Cruz: quinta-feira, 2 de Fevereiro, 18h30

# Angela de la Cruz Trabalho



Clutter Wardrobes

Esta é a primeira apresentação do trabalho de Angela de la Cruz (n. 1965, La Coruña, Espanha) em Portugal e a primeira mostra antológica que lhe é dedicada. A exposição desvenda, através de uma selecção de mais de trinta obras, o trabalho de uma artista que, nos últimos dez anos, se distinguiu por uma linguagem inovadora e extraordinariamente vigorosa que questiona as convenções da pintura e explora um leque de possibilidades de representação e significação no interior de um regime formal abstracto.

Estamos perante objectos que estabelecem uma espécie de relação simbiótica entre a pintura e a escultura, mantendo-se irredutíveis a qualquer uma dessas disciplinas. Neles se repercute o legado de propostas e autores que, sobretudo nos anos de 1960 e 1970, redefiniram radicalmente as práticas da pintura e da escultura, levando à superação de distinções anteriormente arraigadas entre bidimensional e objectual, entre parede e chão, ou entre obra e espaço. As premissas, os processos e os resultados do trabalho de Angela de la Cruz afastam-se, ao mesmo tempo, dessas propostas na definição do seu próprio território.

A maior parte das suas obras incorpora uma pintura monocromática – de um monocromatismo impuro – que é submetida a diferentes procedimentos de aparente vandalismo ou degradação: as telas são rasgadas, dobradas, amarradas, acumulam sujidade, são retiradas da grade e colocadas no chão ou combinadas com outros objectos; as grades são por vezes partidas. Nas palavras da artista, “o trabalho pisa uma linha muito fina entre ser obra e ser lixo”. Todos esses procedimentos concorrem para um efeito de antropomorfismo, sublinhado nas obras produzidas até ao final da década de 90 pela escolha de títulos que lhes conferem atributos (experiências e sentimentos) humanos.

Em sucessivas séries de obras desde 1998,

Angela de la Cruz tem vindo a abordar igualmente a questão da natureza mercantil da pintura e, mais particularmente, do seu próprio trabalho. São recorrentes ideias como excesso de produção e reciclagem, repetição e permutabilidade (quer das obras, vistas como múltiplos da mesma obra, quer dos seus elementos constituintes).

Se o cruzamento e a síntese entre pintura e escultura sobressaem como um dos vectores do trabalho de Angela de la Cruz, é de assinalar num conjunto de obras recentes uma inflexão num sentido mais estritamente escultórico, que algumas peças anteriores já prenunciavam.

This is the first time the work of Angela de la Cruz (b. 1965, La Coruña, Spain) is presented in Portugal and it is also the first anthology exhibition dedicated to her work. In a selection of over thirty works, the show unveils the work of an artist who has, for the last ten years, established her own novel and extraordinarily vigorous expressive language, questioning pictorial conventions and exploring a wide range of possibilities of representation and signification within a formal abstract system.

Most of her works contain a monochromatic painting – stemming from an impure monochromatism – which is submitted to different procedures of what appears to be vandalism or deterioration. In the artist's own words: “the work treads a very fine line between being an art piece and being trash”.

If the crossing between painting and sculpture stands out as one of the driving forces in the work of Angela de la Cruz, it should also be noted that a series of her recent works signals an inflection towards a more strictly sculptural direction, which some of her previous works had already predicted.

# Carlos Bunga



Projecto Culturgest, 2005. Vista parcial da instalação. Cartão prensado, fita adesiva e tinta plástica © Rita Burmester

Carlos Bunga (n. 1976, Porto) tem um percurso recente, mas já com assinalável visibilidade internacional, facilitada num primeiro momento pela conquista no final de 2003 do “Prémio EDP Novos Artistas” e impulsionada, uns meses depois, pela participação na “Manifesta” em San Sebastian.

Carlos Bunga tem-se evidenciado com as suas instalações *site specific* de grandes dimensões, nas quais as referências à arquitectura urbana precária e transitória se conjugam com ecos de certa pintura modernista e construtivista. São intrínsecas a estas instalações noções de fragilidade, devir e contingência, desenvolvidas quer de um ponto de vista material, quer enquanto evocação poética da passagem do tempo e do destino das coisas.

O artista começa o processo pela construção, com pranchas de cartão prensado e fita adesiva, de volumes de imediata conotação arquitectónica. Numa fase seguinte, uniformiza as superfícies exteriores pintando-as de branco e pinta as interiores de diversas cores para criar uma composição de planos monocromáticos. Em diversas ocasiões, o processo concluiu-se com a demolição dos volumes, permanecendo apenas as superfícies de cartão prensado no chão e as que ficam apostas sobre as paredes do espaço. Estas instalações sugerem, logo numa primeira aproximação, as superfícies que ficam como memória impressa de edifícios demolidos. Mas já sucedeu, numa das instalações, o artista incorporar os destroços amontoados no chão ou, numa outra, manter a construção intacta deixando as superfícies interiores de cartão prensado cruas.

Há, no processo de feitura das instalações, uma atenção constante à escala e à morfologia do espaço expositivo. No projecto para a Galeria da Culturgest no Porto, Carlos Bunga confronta o vocabulário que tem vindo a desenvolver, já não com a arquitectura neutra do “cubo branco”, mas antes com um espaço muito particular (da

autoria, tal como o edifício onde se situa, do arquitecto Porfírio Pardal Monteiro): um espaço cruíforme, com uma área de aproximadamente 400 m<sup>2</sup>, profusamente ornamentado a partir da integração revivalista de elementos *art déco*.

Nesta exposição – a segunda individual de Carlos Bunga, depois da que realizou em Abril passado na Galeria Elba Benítez, em Madrid – são ainda mostrados um conjunto de maquetas feitas igualmente com cartão prensado e três vídeos de curta duração, umas e outros datados de 2002, onde são já formuladas algumas das principais questões que as instalações iriam mais tarde potenciar.

Carlos Bunga (b. 1976, Oporto) has already achieved significant international visibility, prompted initially by winning Prémio EDP Novos Artistas (EDP Young Artist's Award) in 2003 and boosted by his participation in “Manifesta”, in San Sebastian, a few months later.

Carlos Bunga has gained prominence thanks to his large-scale interventions, where references to precarious, temporary urban architecture are combined with echoes of modernist and constructivist painting.

In the project for the Culturgest Gallery in Oporto, Carlos Bunga confronts the expressive vocabulary he has been developing, a very specific cross-shaped space, with an area of approximately 400 m<sup>2</sup>, profusely ornamented given the revivalist integration *art deco* elements.

This exhibition – Carlos Bunga's second solo show, after the one held last April at Galeria Elba Benítez, in Madrid – features a group of scale models made in laminated cardboard as well as three short videos, made in 2002. These pieces already manifest some of the key issues his installations would later accentuate and expand.

**Serviço Educativo**

## Angela de la Cruz – Trabalho

---

### ACTIVIDADES PARA ADULTOS

---

#### À conversa com a artista

Visita à exposição com a artista Angela de la Cruz e o comissário Miguel Wandschneider  
Quinta-feira, 2 de Fevereiro, 18h30

#### À conversa com o comissário

Visita à exposição com Miguel Wandschneider  
Quinta-feira, 2 de Março, 18h30 · Domingo, 2 de Abril, 16h00

#### Visitas guiadas gerais

Todos os domingos, às 16h00. Outras datas disponíveis para grupos a partir dos 12 anos  
**Orientação** Bruno Marques, Patrícia Brás e Rita Manteigas



Ready to Wear XVI (Large/Red), 1999

## De 1 de Fevereiro a 30 de Abril · Galerias 1 e 2

---

### ACTIVIDADES PARA ADULTOS

---

#### Actividades para toda a família

Marcação prévia. Ver descrição na página seguinte.

#### Moldura animada

A partir dos 6 anos · Domingo, 12 de Fevereiro, 15h00

Ver descrição em actividades para crianças e jovens.

**Concepção e Orientação** Proto / Pedro Saavedra

#### Visita-jogo de Carnaval – Teatro instantâneo na Culturgest

A partir dos 6 anos · Domingo, 26 de Fevereiro, 15h00

Visitar a exposição, conversar e reflectir as nossas descobertas através de um jogo teatral para todas as idades.

**Concepção e Orientação** Proto / Pedro Saavedra

#### E se o teu amigo secreto fosse um quadro?

A partir dos 10 anos · Domingo, 12 de Março, 15h00

Ver descrição em actividades para crianças e jovens.

**Concepção e Orientação** Susana Alves

#### Pai, a nossa família tem ramos?

A partir dos 6 anos · Domingo, 19 de Março, 15h00

Construção de uma árvore genealógica, com a ajuda de um pai. Os participantes são convidados a fazer analogias entre as raízes, as folhas, o tronco, os ramos, os frutos e a família a que pertencem. Recurso a materiais naturais. Desenho e colagem.

**Concepção e Orientação** Cláudia Alves

#### Nos bastidores da tela

A partir dos 5 anos · Domingo, 9 de Abril, 15h00

Ver descrição em actividades para crianças e jovens.

**Orientação** Patrícia Brás

#### Dança com a Ana

A partir dos 6 anos · Domingo, 23 de Abril, 15h00

Ver descrição em actividades para crianças e jovens.

**Concepção e Orientação** Ana Borges

#### Oficina de pesquisa e criação coreográfica para adultos

De 24 a 28 de Abril, 20h00 - 24h00

Interessa descobrir o processo de criação coreográfica, colocando os participantes na situação de criador, enquanto desmultiplicador dos elementos plásticos que a obra de Angela de la Cruz oferece, traduzindo-se numa estrutura de movimento que se vai instalando na galeria, finalizando-se o processo com uma apresentação informal.

## Angela de la Cruz – Trabalho

---

### ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS E JOVENS

---

#### Visitas-jogo à exposição – ensino pré-escolar e 1º ciclo

Marcação prévia. 1 Euro.

##### Moldura animada

**Pré-escolar e 1º ciclo** · Visita a uma pequena selecção das obras expostas.

Iniciação à observação crítica e aos “porquês” da galeria de arte. Os meninos terão uma grande surpresa quando, a meio do seu percurso, encontrarem uma tela falante que lhes contará a história da sua vida (animação teatral).

**Concepção e Orientação** Proto / Pedro Saavedra

##### Nos bastidores da tela

**Pré-escolar** · Visita-jogo que explora a experiência, a manipulação, a recuperação e a reutilização de vários materiais associados ao trabalho da artista Angela de la Cruz. No final da visita o grupo poderá montar uma pintura-objecto inspirada no que viu no interior da galeria.

**Concepção e Orientação** Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

##### Dança com a Ana

**A partir dos 4 anos** · Visita à exposição pela intérprete e coreógrafa Ana Borges. O percurso será adaptado às idades dos visitantes que poderão interagir com a intérprete.

**Concepção e Orientação** Ana Borges



Clutter I, 2003

## De 1 de Fevereiro a 30 de Abril · Galerias 1 e 2

---

### ACTIVIDADES PARA CRIANÇAS E JOVENS

---

#### Visitas guiadas à exposição – 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário

Marcação prévia. 0,50 Euros.

##### Personificação, prosopopeia ou animismo? Sabes o que são?

**3º ciclo** · Partindo da observação das obras e da sugestão dada pelos títulos destas iremos encontrar, escrever e descrever que características humanas poderão estar atribuídas aos quadros. Identificar o animismo em cada peça serve de mote para uma descoberta muito mais ampla e que envolve as artes plásticas e a língua portuguesa.

**Concepção e Orientação** Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

##### Nos bastidores da tela (agora a sério)

**Ensino secundário** · Visita guiada direccionada para as questões da representação através de uma breve viagem pela exposição e pela história da Pintura.

**Concepção e Orientação** Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

##### Dança com a Ana

**Para todas as idades** · Visita à exposição pela intérprete e coreógrafa Ana Borges. O percurso será adaptado às idades dos visitantes que poderão interagir com a intérprete.

**Concepção e Orientação** Ana Borges

##### E se o teu amigo secreto fosse um quadro?

**2º ciclo** · Visita guiada direccionada para a observação das características materiais e plásticas das obras em exposição. Procurando enfatizar a atenção e a interpretação pessoal, será pedido a cada elemento do grupo que escolha uma obra para no final da visita a descrever aos colegas.

**Concepção** Susana Alves **Orientação** Marília Pasqual, Patrícia Brás e Susana Alves

### Férias do Carnaval na Culturgest

27 e 28 de Fevereiro e 1 de Março · 10h00-12h30 / 14h30-17h00  
Várias actividades dos 6 aos 13 anos

#### Constrói o teu fato de Carnaval

**Dos 6 aos 10 anos** · Cada menino poderá escolher diferentes disfarces que depois serão construídos com vários materiais: caixas de cartão, papel, esponjas, tecidos, entre outros materiais reciclados e reutilizados.

De 27 de Fevereiro a 1 de Março, das 14h30 às 17h00. 7,5 Euros.

**Concepção e Orientação** Cristina Vilas

#### Do rosto à máscara

**Dos 10 aos 13 anos** · Um atelier em três sessões onde vamos explorar o valor das expressões do rosto e o seu equivalente na língua portuguesa (os adjectivos) partindo do retrato e do auto-retrato até chegar à máscara (com ligadura de gesso e outras técnicas).

De 27 de Fevereiro a 1 de Março, das 10h00 às 12h30. 7,5 Euros.

**Concepção e Orientação** Miguel Horta

### Férias da Páscoa na Culturgest

De 3 a 7 de Abril · 10h00-12h30 / 14h30-17h00  
Várias actividades dos 6 aos 17 anos

#### Os iknies e nós – oficina de dança e de Artes Plásticas

**Dos 6 aos 10 anos** · Iremos criar personagens, dar volume e massa a corpos gráficos, descobrir formas de locomoção e de dança, e descobrir como criar novos 'iknies' graficamente e em movimento.

3 a 7 de Abril, das 14h30 às 17h00. 12,5 Euros.

**Concepção e Orientação** Ana Borges (Dança) e José Tavares (Artes Plásticas)

#### Oficina de Expressão Dramática

**Dos 10 aos 13 anos** · Descobrir através do jogo teatral as nossas diferenças e semelhanças.

De 3 a 7 de Abril, das 10h00 às 12h30. 12,5 Euros.

**Concepção e Orientação** Proto / Pedro Saavedra

#### Oficina de Teatro e Expressão Dramática

**Dos 15 aos 17 anos** · Perguntar o mundo através do Teatro e partilhar as nossas descobertas com os outros.

De 3 a 7 de Abril, das 10h00 às 12h30. 12,5 Euros.

**Concepção e Orientação** Proto / Pedro Saavedra



A4 © José Tavares

### Os colaboradores do serviço educativo:

Ana Borges  
Diana Ramalho  
Fátima Alves  
Marília Pasqual  
Patrícia Brás  
Proto - Pedro Saavedra  
Rita Manteigas  
Susana Alves



### É professor?

Solicite o CD com o caderno do professor 2005-2006 e tenha acesso à programação anual do Serviço Educativo e às nossas sugestões de exploração pedagógica para todos os anos lectivos.

### Bilhetes

**Visitas guiadas com a artista, o comissário e geral:** ingresso na exposição

**Visita guiada para grupos mediante marcação prévia:** 0,50 Euros (entrada gratuita para professores e acompanhantes)

**Actividades para toda a família:** ingresso na exposição.

**Visita-jogo com inscrição prévia para grupos escolares:** 1 Euro (entrada gratuita para professores e acompanhantes)

**Férias do Carnaval (3 dias):** 7,5 Euros

**Férias da Páscoa (5 dias):** 12,5 Euros

**Oficina de pesquisa e criação coreográfica para adultos:** 30 Euros

### Inscrições e informações

Telefone: 21 790 54 54 Fax: 21 848 39 03 E-mail: raquel.ribeiro.santos@cgd.pt

**Se tens entre 5 e 12 anos levanta na bilheteira o teu passaporte!**

Agradecimento:





## GALERIAS

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00 (última admissão às 18h30)

ENCERRADAS À TERÇA-FEIRA

Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00 (última admissão às 19h30)

### Visitas escolares e de grupos

Entrada gratuita mediante marcação prévia e apresentação de credencial (máximo de 25 pessoas por grupo)

Para grupos escolares com inscrição: das 9h30 às 19h30.

## BILHETEIRA

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00  
Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00.

Nos dias de espectáculo, até à hora do início do mesmo.

### Reservas

Só se aceitam reservas e levantamento de bilhetes reservados até 48 horas antes do espectáculo. Os bilhetes reservados deverão ser levantados no prazo de três dias.

## ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%.

As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas Galerias.

As assinaturas são válidas no limite dos bilhetes disponíveis.

## DESCONTOS

### Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos e empregados do Grupo Caixa Geral de Depósitos; 40% a portadores dos cartões CAIXAUTOMÁTICA UNIVERSIDADE/POLITÉCNICO e ISIC (International Student Identity Card) e a portadores do cartão ITIC (International Teacher Identity Card).

Entrada gratuita a jovens até aos 16 anos.

Funcionários e reformados da CGD:

2 bilhetes gratuitos.

### Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo e empregados do Grupo Caixa Geral de Depósitos; 40% a portadores do cartão CAIXAUTOMÁTICA UNIVERSIDADE/POLITÉCNICO e ISIC (International Student Identity Card) e a portadores do cartão ITIC (International Teacher Identity Card); 50% a funcionários e reformados da CGD (2 bilhetes com 50% de desconto).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.

Preço único sem descontos

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Metro: Campo Pequeno

Autocarros: Campo Pequeno / Av. República: 21, 27, 32, 36, 38, 44, 45, 49, 54, 56, 83, 90, 91 (Aerobus), 108. Praça de Londres: 7, 22, 33, 40. Avenida de Roma: 35, 67.

## CULTURGEST PORTO – GALERIA

### Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 18h00; às quintas-feiras, das 13h00 às 18h00 (última admissão às 17h45); ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS. Edifício Caixa Geral de Depósitos Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto Telefone: 22 209 81 16

## INFORMAÇÕES E RESERVAS

21 790 51 55

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

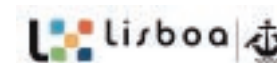
Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Programa sujeito a alterações

Apoios:



Apoio na divulgação:



Se quiser receber em sua casa a programação da Culturgest  
telefone-nos, escreva-nos, envie um fax ou um e-mail.

**Culturgest**

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

# Culturgest, uma casa do mundo